

UM ASPECTO DA LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUAS

Geraldo Cfntra

As modernas técnicas de ensino de idiomas muito devem ao desenvolvimento dos estudos lingüísticos, pois, através de um mais profundo conhecimento da estrutura de diversas línguas, é-nos possível chegar a uma melhor compreensão da natureza dos problemas do aprendizado.

A experiência de muitos já havia demonstrado — e a observação objetiva veio comprovar — que alunos de uma mesma língua materna cometem invariavelmente os mesmos êrros básicos no aprendizado de uma determinada língua estrangeira. Uma das principais conclusões a serem tiradas do resultado de tais estudos, porém, foi a verificação de que a quase totalidade de êrros que uma pessoa comete ao aprender uma língua estrangeira é devida à interferência dos hábitos já adquiridos no processo de aprendizado de sua língua materna; e, por conseguinte, que é possível prever a ocorrência de tais êrros através de uma cuidadosa comparação das estruturas lingüísticas em questão.

Essa conclusão, além de seu indiscutível valor teórico, tem importantíssimas aplicações de natureza prática, as quais são de grande valor a todos aqueles que se dedicam ao ensino de línguas.

O estudo comparado de duas estruturas lingüísticas — denominado **análise contrastiva** — pressupõe a existência de uma descrição acurada de ambas. Na realidade, raras vêzes tal condição se verifica, sendo necessário realizar o trabalho de análise ou complementar uma descrição já existente porém insuficiente.

Em que consiste, contudo, essa comparação? O que se deve comparar, como e porquê? E como interpretar os resul-

tados de tal análise e, principalmente, como traduzir essa interpretação em termos de aplicação prática na sala de aula?

Ao escrever êste artigo procuramos esclarecer tais questões, sem pretender entretanto apresentar um tratamento completo das técnicas de análise contrastiva e sua aplicação. Desejamos apenas trazer aos menos familiarizados com tais técnicas alguns esclarecimentos sôbre a sua aplicabilidade ao ensino de línguas, bem como exemplificar algumas vantagens decorrentes da aplicação dos resultados dessa análise.

Basearemos nossas considerações nos problemas do ensino do inglês americano a brasileiros, por ser essa a língua estrangeira que mais se ensina no país, bem como por se tratar do campo em que temos maior experiência. Desejamos esclarecer, contudo, que as técnicas a serem empregadas são as mesmas, *mutatis mutandis*, quaisquer que sejam as estruturas lingüísticas consideradas.

FONOLOGIA

No tocante à fonologia segmental, podemos distinguir pelo menos três casos diversos: (a) ocorrência de fonemas semelhantes nas duas línguas (p. ex. /p/ em inglês e em português); (b) ocorrência na língua estrangeira de fonemas sem contraparte na língua materna (p. ex. /th, dh/ em inglês); (c) ocorrência na língua estrangeira de fonemas com semelhança fonética a fonemas da língua materna, mas com variantes diversas e/ou com distribuição não-coincidente.

Aparentemente o caso mencionado em (b) deveria se constituir na maior fonte de interferência. Sem dúvida, a pronúncia de novos sons requererá do aluno uma formação de novos hábitos articulatórios ou a produção de sons em regiões articulatórias não empregadas pela língua materna. É o caso, por exemplo, das fricativas interdentais /th, dh/ do inglês: o português possui consoantes fricativas, porém nunca interdentais.

Na realidade, contudo, o problema maior ocorre na situação mencionada em (c), já que o que aí se verifica é não uma aquisição de novos hábitos, mas sim uma redistribuição dos já adquiridos anteriormente. A fim de melhor poder explicar o que se passa, tomemos como exemplo o que sucede com o

fonema /t/ do inglês. Na maior parte dos dialetos do inglês americano, /t/ em posição intervocálica realiza-se como uma vibrante simples ("flap") alveolar sonora, bastante semelhante ao /r/ português em **caro**, **hora**, etc. A pronúncia do som, em si, não apresenta grande dificuldade para o aluno brasileiro; o problema é acostumá-lo a considerar êsse com como uma variante de /t/. Pela semelhança fonética, o aluno tenderá a considerar o "flap" que ocorre em **letter**, **get out**, etc. como uma variante do /r/ inglês. Isso não somente pode dificultar a depreensão de vocábulos dentro do contínuo da fala, mas vai ainda integrar-se em um intrincado sistema de inter-relações:

Como o fonema /R/ do português (como em **carro**, **roda**, etc.) varia muito em sua realização fonética de uma região para outra, (1) o aluno tenderá a confundir os fonemas /r/ e /h/ do inglês, identificando-os com o fonema /R/ do português. Como o "flap" tende a ser identificado com o /r/ inglês, teremos, na realidade, uma confusão entre os fonemas /r/ e /h/ e um alofone de /t/, sendo que a realização final, na produção oral, seria sempre um alofone do /R/ português, característico do dialeto falado pelo aluno (2). (Tal problema não se verifica somente com as consoantes, é claro. Um exemplo bastante óbvio é a dificuldade que apresentam os alunos brasileiros em distinguir, receptiva e produtivamente, entre /E/ e /æ/, /i/ e /I/, etc.)

No plano suprasegmental a dificuldade é ainda maior, pois se o aluno muitas vezes está consciente de suas dificuldades no aprendizado de determinados sons, raramente será êle capaz de ao menos aperceber-se da existência de problemas quanto à acentuação de intensidade ("stress"), altura musical dos sons, duração, juntura, etc. Aliás, a não-compreensão da natureza desses problemas leva muitos (até mesmo professores de línguas) a dizer que "a entoação de uma língua não se ensina: ela vem por si" ou "cada um dá a entoação certa de acôrdo com aquilo que pretende dizer." Se assim fôsse, o trabalho do professor de línguas estaria grandemente simplificado. A realidade, contudo, é que um estudo cuidadoso do uso que fazem a língua materna e a língua a ser ensinada da acen-

(1) V. G. Cintra — "Ensaio sobre a estrutura do Português do Brasil", *Estudos* 1. Ano I, 1962.

(2) V. G. Cintra — "Why Contrastive Analysis?", *ibidem*, 1. Ano II (1963).

tuação de intensidade, altura, curvas de entoação, etc. é indispensável para que se possa chegar à compreensão do funcionamento das estruturas linguísticas em questão, baseando nesse conhecimento a abordagem pedagógica.

MORFOFONÊMICA

No tratamento da interferência em sistemas fonológicos não podemos nos restringir à ocorrência de itens isolados. É preciso levar em conta as alterações sofridas pelos fonemas (notadamente em posição inicial e final de palavras) em virtude do ambiente em que se encontram.

No português, por exemplo, a ocorrência de consoantes fricativas em posição final de palavras é condicionada pela natureza do elemento seguinte (seja êle o fonema inicial de outra palavra ou pausa final): antes de vogal ocorre /z/, antes de consoante sonora /z/ ou /ẓ/ (dependendo do dialeto), e antes de consoante surda ou pausa /s/ (ou /ṣ/) (3).

Ora, em inglês tal não se dá, como se pode comprovar pela existência de pares mínimos, tais como **eyes: ice** (/ayz: ays/), **pleys: place** (/pleyz: pleys/). Por conseguinte, transferindo seus hábitos de condicionamento à língua estrangeira, o aluno brasileiro pronunciará:

Yes I do	/yes ay duw/	como (yezay duw)
Yes, please	/yes pliyz/	como (yez dæn) ou (yes pliyz)
Yes, Dan	/yes dæn/	como (yes pliyz) ou (yez daen)

Uma análise cuidadosa das seqüências possíveis nas duas línguas permitirá prever tais êrros, devendo o professor orientar seu ensino de maneira a estabelecer no aluno os hábitos corretos de pronúncia.

MORFOLOGIA

No tratamento da morfologia, um dos aspectos mais importantes é a análise objetiva da natureza dos problemas. Muitas vezes aquilo que aparenta ser um problema morfológico pertence realmente à fonologia ou à sintaxe.

(3) V. ref. nota 1.

É o que sucede, por exemplo, com os tempos verbais compostos em inglês. Construções como **I have studied**, **I would like** são casos de sintaxe, em que o emprêgo de um determinado auxiliar juntamente com uma determinada forma verbal exprime um certo significado, o qual poderia ser expresso por uma forma flexionada na língua materna (no caso, **eu estudei**, ou **gostaria**). Já em **I have been studying** temos um equivalente em português que também é representado por uma combinação de um verbo auxiliar e uma forma verbal flexionada: **eu tenho estudado** (ou, conforme o contexto, **eu tenho estado estudando**).

Um caso interessante é o da flexão verbal de terceira pessoa do singular, o plural dos substantivos e o chamado "caso possessivo" do inglês. Do ponto de vista morfológico trata-se de três itens distintos: um pertencente à morfologia verbal e os outros dois à nominal. Pode-se observar, contudo, que no que diz respeito ao aspecto fonológico, as regras gerais para os três casos coincidem: temos uma terminação /s, z/ ou /I z/ condicionada fonologicamente. Tais alomorfes, cuja ocorrência é previsível em termos do ambiente fonológico, constituem aquilo a que Gleason denomina **subclasses produtivas** (4). É este mecanismo de condicionamento que o aluno deverá adquirir como hábito.

Assim, tendo já ensinado uma dessas formas (geralmente o plural dos substantivos é ensinado antes das outras duas formas aqui mencionadas), tendo exercitado seus alunos na aquisição desses hábitos de condicionamento fonológico, o professor poderá tratar o ensino dos outros casos como nada mais do que um problema de significado. Contudo, como o significado de uma flexão verbal (de pessoa) ou nominal não constituirá novidade para o aluno brasileiro, (5) pode-se praticamente resumir o problema apresentado por essas formas a um simples mecanismo de condicionamento fonológico associado a determinado significado.

Restam, sem dúvida, os casos que não se enquadram nessa regra geral. Tais casos, contudo, devem ser aprendidos co-

(4) V.H.A. Gleason Jr. — *An Introduction the Descriptive Linguistics*. New York, Holt Rinehart & Winston, revised ed., 1961, p. 99.

(5) O chamado "caso possessivo", embora não encontre equivalente direto em português, raramente apresenta dificuldade, no que diz respeito ao significado, para o aluno brasileiro.

mo ítems à parte, já que o condicionamento é morfológico, na maior parte dos casos. Isto é, o plural em **-en** só se aplica a **ox** (**children** apresenta simultâneamente adição de /r/ e alternância vocálica); a forma **is** não é derivada fonològicamente de **be**; casos de ocorrência de um alomorfe zero, como em **sheep** (que mantém a mesma forma no plural), não podem ser previstos.

SINTAXE

Fora do âmbito da fonologia, é principalmente na sintaxe que se faz sentir a interferência da língua materna.. É comum ouvir-se de alunos brasileiros.

- * **I yesterday studied English** em vez de:
Yesterday I studied English
- * **I want that you go** em vez de:
I want you to go
- * **How much cost this book?** em vez de:
How much does this book cost?

A fim de prevenir a ocorrência de tais êrros, impõe-se um estudo contrastivo dos tipos de estruturas sintáticas que ocorrem nas duas línguas, sua freqüência de ocorrência e o grau de semelhança do significado expresso pelas mesmas. Baseado nesses dados poderá o professor orientar seu ensino de modo a tratar tais problemas objetivamente, impedindo que seus alunos tenham a oportunidade de recorrer à estrutura de sua língua materna para expressar suas idéias, valendo-se de uma simples substituição de vocábulos da língua materna pelos da língua estrangeira.

Em suma, analisando objetivamente as estruturas da língua materna dos alunos e da língua a ser ensinada, comparando essas estruturas a fim de determinar os pontos de semelhança e interferência, e orientando o ensino com base no resultado dessa análise, poderá o professor de línguas trabalhar com muito maior segurança e eficiência, já que terá diante de si objetivos definidos e saberá os obstáculos com que se deparará e como superá-los.



O Prof. Dr. José Querino Ribeiro, Diretor da FFCL de Marília, proferindo o discurso de abertura do I Seminário de Lingüística.



J. Mattoso Câmara Jr.: "O Estruturalismo Lingüístico".



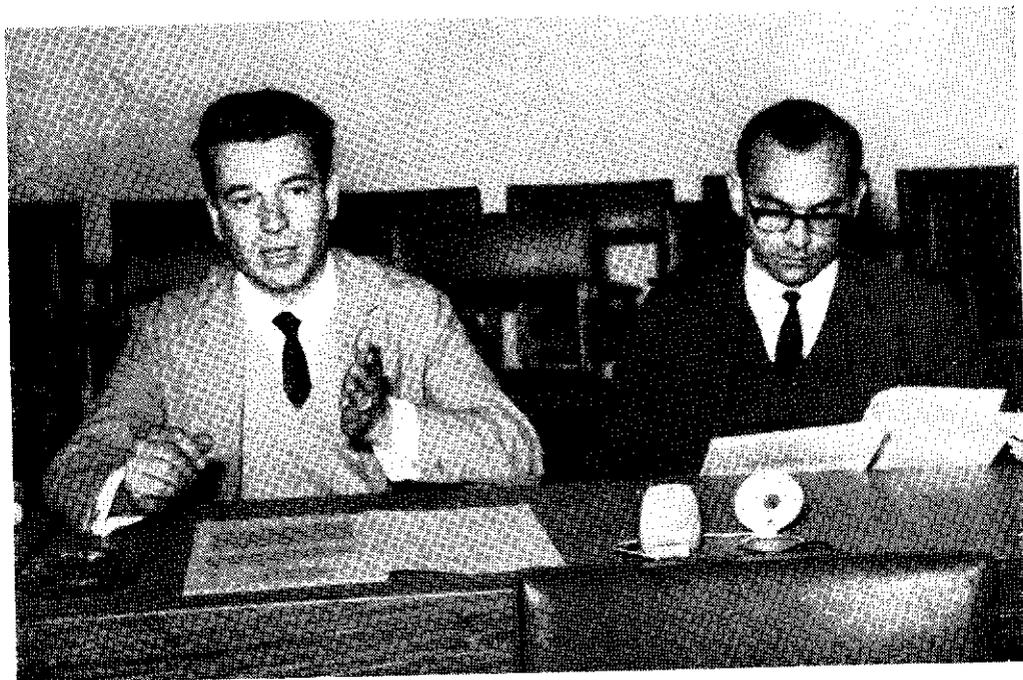
T. Henrique Maurer Jr.: "A Lingüística Histórica".



Nélson Rossi: "A Dialetolegia".



Maria Thereza Camargo: "A Estatística Lingüística".



Enzo Del Carratore e Ataliba T. de Castilho: "A Onomasiologia no Léxico e na Sintaxe".



Manuel Dias Martins: "O Idealismo Lingüístico".



Paulo A. A. Froehlich: "A Lingüística Descritiva".